

Domingo da Sagrada Família de Jesus, Maria e José

Ano A – 28.12.2025



Viver a Palavra

Como os Pastores e os Magos, acorremos ao Presépio de Belém e contemplamos o « *sinal admirável*» de Deus que se faz homem, do eterno e imutável que assume a nossa contingência e fragilidade. Aquele recém-nascido frágil e necessitado de cuidados é acalentado pelo desvelo maternal de Maria e protegido pela solicitude paterna de José. Eis a família escolhida por Deus para que o Eterno se fizesse uma criança! Eis a Sagrada Família que hoje celebramos em festa neste Domingo dentro da Oitava do Natal.

A Festa da Sagrada Família é uma das festas mais recentes do calendário litúrgico, mas uma referência fundamental para compreender e aprofundar o que significa ser família cristã na Igreja e no Mundo. Ensina-nos a arte de entrelaçar o tempo e a eternidade, a humanidade e a divindade, para que o nosso quotidiano tenha sabor de Céu pela força transformadora do amor. Deus aproxima-se de nós e ensina-nos a arte de nos aproximarmos uns dos outros. É este o modo de Deus se relacionar connosco e que nos desafia a viver de um modo novo a nossa relação com Deus e os irmãos, a nossa vida familiar e os seus desafios. Isso mesmo nos recorda o Papa Francisco na sua Carta Apostólica *Admirabile Signum* quando afirma: «*o modo de agir de Deus quase cria vertigens, pois parece impossível que Ele renuncie à sua glória para Se fazer homem como nós. Que surpresa ver Deus adotar os nossos próprios comportamentos: dorme, mama ao peito da mãe, chora e brinca, como todas as crianças. Como sempre, Deus gera perplexidade, é imprevisível, aparece continuamente fora dos nossos esquemas. Assim o Presépio, enquanto nos mostra Deus tal como entrou no mundo, desafia-nos a imaginar a nossa vida inserida na de Deus; convida a tornar-nos seus discípulos, se quisermos alcançar o sentido último da vida*».

Na Sagrada Família este surpreendente agir de Deus desafia-nos a ler a realidade familiar de um modo novo. Maria, José e o Menino, na sua vida familiar, são para nós uma escola da arte de amar onde o divino se faz homem e onde a quotidianidade ganha a marca da transcendência. Importa não fazer da Sagrada Família um modelo abstrato e utópico. A partir do relato evangélico que escutamos nesta festa percebemos que a família de Nazaré não é um modelo pela ausência de dificuldades, mas porque acolhendo os desafios e sonhos de Deus, procurou responder com fidelidade ao projeto de Deus.

Maria e José ainda envolvidos pela surpresa da visita dos pastores e dos magos recebem a notícia de que devem partir para o Egito porque Herodes ameaça matar o menino. Contemplando a Sagrada Família em fuga para o Egito conseguimos vislumbrar o drama de tantas famílias refugiadas que vítimas da violência e da guerra abandonam os seus países procurando um lugar seguro para viver. Mas vemos também aqui as dificuldades e desafios que cada família atravessa no atual contexto cultural e social.

A Igreja quer ser Mãe que acolhe cada realidade familiar, apontando o modelo do lar de Nazaré como meta para onde caminhamos na prontidão para dizer sim como Maria e na docilidade para acolher os sonhos de Deus como José. Mas sabemos como a realidade familiar é exigente e, por isso, deixemos que as palavras de Paulo ecoem no nosso coração e façamos delas oportunidade de reflexão em família, para que possamos encontrar as coordenadas fundamentais para a nossa vida familiar: « *revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente*». *in Voz Portucalense*.

+++++

Nesta celebração do **Domingo da Sagrada Família de Jesus, Maria e José**, pode fazer-se a bênção das famílias, rezar uma oração por todas as famílias ou, porventura, uma consagração de todas as famílias da paróquia à Sagrada Família. Nesta celebração, poderá fazer-se uma menção especial aos casais que ao longo deste ano cumpriram jubileus matrimoniais. A criatividade pastoral deverá ajudar a fazer deste momento um lugar de acolhimento para todos, cumprindo o desafio de acompanhar, discernir e integrar as situações fragilidade. *in Voz Portucalense*

+++++

Estamos já no Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2025/2026 - acompanhámos o evangelista Mateus** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

LEITURA I – Ben Sirá 3,3-7.14-17a [versão grega: 3,2-6.12-14]

Deus quis honrar os pais nos filhos

e firmou sobre eles a autoridade da mãe.

Quem honra seu pai obtém o perdão dos pecados,

e acumula um tesouro quem honra sua mãe.

Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos

e será atendido na sua oração.

Quem honra seu pai terá longa vida,

e quem lhe obedece será o conforto de sua mãe.

Filho, ampara a velhice do teu pai

e não o desgastes durante a sua vida.

Se a sua mente enfraquece, sê indulgente para com ele

e não o desprezes, tu que estás no vigor da vida,

porque a tua caridade para com teu pai nunca será esquecida

e converter-se-á em desconto dos teus pecados.

CONTEXTO

O Livro de Ben Sirá (chamado, na sua versão grega, “Eclesiástico”) é um livro de carácter sapiencial que, como todos os livros sapienciais, tem por objetivo deixar aos aspirantes a “sábios” indicações práticas sobre a arte de bem viver e de ser feliz. O seu autor é um tal Jesus Ben Sirá, um “sábio” israelita que viveu na primeira metade do séc. II a.C.

A época de Jesus Ben Sirá é uma época conturbada para o Povo de Deus. Os selêucidas (uma família descendente de Seleuco Nicator, general de Alexandre Magno, que herdou parte do império de Alexandre, o Grande, quando este morreu, em 323 a.C.) dominavam a Palestina e procuravam impor aos judeus, mesmo pela força, a cultura helénica. Muitos judeus, seduzidos pelo brilho da cultura grega, abandonavam os valores tradicionais e a fé dos pais e assumiam comportamentos mais consentâneos com a “modernidade”. A identidade cultural e religiosa do Povo de Deus corria, assim, sérios riscos... Neste contexto, Jesus Ben Sirá, um “sábio” judeu apegado às tradições dos seus antepassados, escreve para preservar as raízes do seu Povo. No seu livro, apresenta uma síntese da religião tradicional e da “sabedoria” de Israel e procura demonstrar que é no respeito pela sua fé, pelos seus valores, pela sua identidade que os judeus podem descobrir o caminho seguro para serem um Povo livre e feliz. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Os nossos pais foram, em nosso favor, instrumentos do Deus criador. Através deles, Deus chamou-nos à vida. Sentimo-nos gratos aos nossos pais por eles terem aceitado colaborar com Deus, dando-nos vida e cuidando de nós ao longo do caminho que temos vindo a percorrer? Lembramo-nos de lhes demonstrar, com ternura e amor, a nossa gratidão?
- Apesar da sensibilidade moderna aos direitos humanos e à dignidade das pessoas, a nossa civilização cria, com frequência, situações de abandono, de marginalização, de solidão, cujas vítimas são, muitas vezes, aqueles que já não têm uma vida considerada produtiva, ou aqueles a quem a idade ou a doença trouxeram limitações. No entanto, do ponto de vista de Deus, nenhum ser humano é “descartável”, ou estará alguma vez fora do prazo de validade. Não podemos admitir – com a nossa indiferença ou com o nosso silêncio cúmplice – que as pessoas em situação de

fragilidade sejam abandonadas na berma da estrada, sempre que o mundo caminha a um ritmo que elas não podem acompanhar. Temos consciência disto?

- É verdade que a vida de hoje é muito exigente a nível profissional e que nem sempre é possível a um filho estar presente ao lado de um pai que precisa de cuidados continuados ou de acompanhamento especializado. No entanto, se alguma vez as circunstâncias impuserem a necessidade de afastamento de um pai idoso ou descapacitado do ambiente familiar, isso não pode significar abandono e condenação à solidão. Seremos sempre responsáveis por aqueles que cativamos, e ainda mais por aqueles que foram, para nós, instrumentos do Deus criador e fonte de vida. Sentimo-nos responsáveis pelo bem-estar dos nossos pais, dos nossos avós, das pessoas idosas ou doentes que fazem parte da nossa história de vida?
- O capital de maturidade e de sabedoria de vida que os mais idosos possuem é considerado por nós uma riqueza ou um desafio ridículo à nossa modernidade e às nossas certezas?
- Face à invasão contínua de valores estranhos que, tantas vezes, põem em causa a nossa identidade cultural e religiosa (quando não a nossa humanidade), o que significam os valores que recebemos dos nossos pais? Avaliamos com maturidade a perenidade desses valores, ou estamos dispostos a renegá-los ao primeiro aceno dos “valores da moda”? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 127 (128)

**Refrão 1: Felizes os que esperam no Senhor,
e seguem os seus caminhos.**

**Refrão 2: Ditosos os que temem o Senhor,
ditosos os que seguem os seus caminhos.**

**Feliz de ti, que temes o Senhor
e andas nos seus caminhos.
Comerás do trabalho das tuas mãos,
serás feliz e tudo te correrá bem.
Tua esposa será como videira fecunda
no íntimo do teu lar;
teus filhos serão como ramos de oliveira
ao redor da tua mesa.
Assim será abençoado o homem que teme o Senhor.
De Sião te abençoe o Senhor:
vejas a prosperidade de Jerusalém
todos os dias da tua vida.**

LEITURA II – Colossenses 3,12-21

Irmãos:

**Como eleitos de Deus, santos e prediletos,
 revesti-vos de sentimentos de misericórdia,
 de bondade, humildade, mansidão e paciência.
 Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente,
 se algum tiver razão de queixa contra outro.
 Tal como o Senhor vos perdoou,
 assim deveis fazer vós também.
 Acima de tudo, revesti-vos da caridade,
 que é o vínculo da perfeição.
 Reine em vossos corações a paz de Cristo,
 à qual fostes chamados para formar um só corpo.
 E vivei em ação de graças.
 Habite em vós com abundância a palavra de Cristo,
 para vos instruídes e aconselhades uns aos outros
 com toda a sabedoria;
 e com salmos, hinos e cânticos inspirados,
 cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão.
 E tudo o que fizerdes, por palavras ou por obras,
 seja tudo em nome do Senhor Jesus,
 dando graças, por Ele, a Deus Pai.
 Esposas, sede submissas aos vossos maridos,**

como convém no Senhor.

Maridos, amai as vossas esposas

e não as trateis com aspereza.

Filhos, obedecei em tudo a vossos pais,

porque isto agrada ao Senhor.

Pais, não exaspereis os vossos filhos,

para que não caiam em desânimo.

CONTEXTO

A Igreja de Colossos, destinatária desta carta, foi fundada por Epafras, um amigo de Paulo, pelos anos 56/57. Tanto quanto sabemos, Paulo nunca visitou a comunidade...

Hoje, não é claro para todos que Paulo tenha escrito esta carta (o vocabulário utilizado e o estilo do autor estão longe das cartas indiscutivelmente paulinas; também a teologia apresenta elementos novos, nunca usados nas outras cartas atribuídas a Paulo); por isso, é um pouco difícil definirmos o ambiente em que este texto apareceu...

Para os defensores da autoria paulina, contudo, a carta foi escrita quando Paulo estava prisioneiro, possivelmente em Roma (anos 61/63). Epafras teria visitado o apóstolo na prisão e deixado notícias alarmantes: os Colossenses corriam o risco de se afastar da verdade do Evangelho, por causa das doutrinas ensinadas por certos doutores de Colossos. Essas doutrinas misturavam práticas legalistas (o que parece indicar tendências judaizantes) com especulações acerca do culto dos anjos e do seu papel na salvação; exigiam um ascetismo rígido e o cumprimento de certos ritos de iniciação, destinados a comunicar aos crentes um conhecimento mais adequado dos mistérios ocultos e levá-los, através dos vários graus de iniciação, à vivência de uma vida religiosa mais autêntica.

Sem refutar essas doutrinas de modo direto, o autor da carta afirma a absoluta suficiência de Cristo e assinala o seu lugar proeminente na criação e na redenção dos homens.

O texto que nos é hoje proposto pertence à segunda parte da carta. Depois de constatar a supremacia de Cristo na criação e na redenção (primeira parte), o autor avisa os Colossenses de que a união com Cristo traz consequências a nível de vivência prática (segunda parte): implica a renúncia ao “homem velho” do egoísmo e do pecado e o “revestir-se do Homem Novo” (Cl 3,9-11. *in Dehonianos*).

INTERPELAÇÕES

- A nossa vida de todos os dias é, a cada instante, marcada por tensões, ansiedades, conflitos e problemas que mexem com o nosso equilíbrio e a nossa harmonia. Perdemos o controlo, tornamo-nos quezilentos e conflituosos, criticamos os outros com palavras que magoam, assumimos poses de arrogância e de superioridade, enchemos as redes sociais com comentários infelizes... Talvez nos faça bem cada dia, em jeito de exame de consciência, reservar um momento para olhar para Jesus e para confrontar os nossos gestos, as nossas palavras, as nossas escolhas com os gestos, as palavras e as suas opções. Admitimos que esse “confronto” pode ajudar-nos a situar as perspetivas e a recentrar a nossa vida “em Cristo”?
- A nossa primeira responsabilidade vai, evidentemente, para aqueles que conosco partilham, de forma mais chegada, a vida do dia a dia (a nossa família). Esse amor, que deve revestir-nos sempre, traduz-se numa atenção contínua àquele que está ao nosso lado, às suas necessidades e preocupações, às suas alegrias e tristezas, aos seus sorrisos e às suas lágrimas? Traduz-se em gestos sentidos e partilhados de carinho e de ternura? Traduz-se num respeito absoluto pela liberdade e pelo espaço do outro, por deixar o outro crescer sem o sufocar? Traduz-se na vontade de servir o outro, sem nos servirmos dele?
- A expressão “esposas, sede submissas aos vossos maridos” é, evidentemente, uma expressão anacrónica, que deve ser devidamente contextualizada no universo cultural e social do séc. I, mas que hoje não faz sentido. Para os que vivem “em Cristo”, o valor que preside às relações é o amor... E o amor não comporta submissão ou superioridade, mas igualdade fundamental em dignidade e direitos. O mesmo Paulo dirá, noutras circunstâncias, que para os que vivem “em Cristo” “não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher”, porque todos são um só em Cristo Jesus (Gl 3,28). É este o horizonte em que vivemos e caminhamos? Alguma vez tratamos com sobrançeria e superioridade as pessoas que caminham ao nosso lado? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 2,13-15.19-23

Depois de os Magos partirem,

o Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse-lhe:

«Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe e foge para o Egito

e fica lá até que eu te diga,
pois Herodes vai procurar o Menino para O matar».
José levantou-se de noite,
tomou o Menino e sua Mãe e partiu para o Egito
e ficou lá até à morte de Herodes,
para se cumprir o que o Senhor anunciara pelo profeta:
«Do Egito chamei o meu filho».
Quando Herodes morreu,
o Anjo apareceu em sonhos a José no Egito e disse-lhe:
«Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe
e vai para a terra de Israel,
pois aqueles que atentavam contra a vida do Menino
já morreram».
José levantou-se, tomou o Menino e sua Mãe,
e voltou para a terra de Israel.
Mas, quando ouviu dizer que Arquelau reinava na Judeia,
em lugar de seu pai, Herodes,
teve receio de ir para lá.
E, avisado em sonhos, retirou-se para a região da Galileia
e foi morar numa cidade chamada Nazaré,
para se cumprir o que fora anunciado pelos Profetas:
«Há de chamar-Se Nazareno».

CONTEXTO

O interesse fundamental das primeiras gerações cristãs não se centrou na infância de Jesus, mas sim na Sua pregação e na Sua proposta de salvação; por isso, a primeira catequese cristã conservou especialmente as recordações sobre a vida pública e a paixão, morte e ressurreição do Senhor. Só num estágio posterior houve uma certa curiosidade acerca dos primeiros anos da vida de Jesus. Recolheram-se e ordenaram-se, então, algumas informações históricas sobre a infância de Jesus. Esse material serviu de base aos evangelistas Mateus e a Lucas para, a partir dele, tecerem as suas reflexões sobre o mistério de Jesus: a sua pessoa, a sua origem, a sua missão, a razão da sua presença no meio dos homens.

No entanto, a preocupação fundamental de Mateus e de Lucas – ao redigirem o “Evangelho da Infância de Jesus” – não era de âmbito histórico e factual, mas sim teológico e catequético. Um e outro recorreram, para construir as suas narrativas, a métodos que os rabis da época utilizavam para explorar e comentar o texto bíblico e que incluíam histórias fantasiosas, reflexões, interpretações, comparações, tudo isso enlaçado com tipologias (correspondência entre factos e pessoas do Antigo Testamento e outros factos e pessoas do Novo Testamento), manifestações apocalípticas (anjos, aparições, sonhos) e outros recursos literários utilizados pelos “comunicadores” da época. O resultado desse trabalho é um texto muito belo, talvez um tanto ingénuo, artificioso e com base histórica discutível, mas que nos faz mergulhar profundamente no mistério de Jesus, o Deus que veio ao encontro dos homens e encontrou o seu “lar” numa humilde família de Nazaré.

Mateus situa nos dias do rei Herodes, o Grande, o episódio narrado no evangelho deste dia. Herodes nasceu por volta de 73 a.C. e morreu no ano 4 a.C., cerca de dois anos após o nascimento de Jesus. Tornou-se rei da Judeia no ano 40 a.C.; mas, a partir dessa data, foi recebendo das autoridades romanas jurisdição sobre outros territórios, até reinar sobre toda a Palestina. Embora se tenha distinguido pelas grandes obras que levou a cabo, Herodes foi um rei cruel e despótico, que para defender o seu trono cometeu atos de extrema violência, inclusive contra membros da sua própria família. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Nestes dias de celebração natalícia, tempo por excelência de reunião familiar e de fortalecimento dos laços familiares, a Igreja convida-nos a contemplar a Família de Jesus, Maria e José. Que vemos? Com que cores nos aparece desenhado este quadro familiar? Sobre tudo com as cores da unidade, da solidariedade, da fraternidade, da comunhão. A Família de Nazaré não é uma família “sem problemas”, onde a vida não “dói” e onde tudo é um mar de rosas: é uma família perseguida e ameaçada, que tem de abandonar a comodidade do seu lar para viver na clandestinidade, que enfrenta a pobreza, a privação, a precariedade, talvez a hostilidade da gente da terra onde procurou refúgio... No entanto, é uma família que as vicissitudes e crises não conseguem derrotar. Os membros desta família mantêm-se unidos, solidários, dispostos a enfrentar juntos os riscos e perigos, disponíveis para qualquer sacrifício quando a vida de algum deles está em causa. Não vivem em compartimentos estanques, onde a dor do outro não chega; não se fecham nos seus mundos pessoais, surdos e indiferentes àquilo que se passa à volta....

Sentem-se responsáveis pela vida do outro, estão dispostos a dar a vida pelo outro, amam-se verdadeiramente. São assim as nossas famílias? Nas nossas famílias há solidariedade, união e fraternidade? Sentimos os problemas do outro e empenhamo-nos seriamente em ajudá-lo a superar as dores que a vida traz? A nossa família é, apenas, um hotel onde temos (por preço módico) casa, mesa e roupa lavada, ou é um verdadeiro espaço de encontro, de partilha, de construção, de solidariedade, de comunhão, de amor?

- A Sagrada Família é uma família onde Deus está quotidianamente presente e é referência fundamental. Ali escuta-se a Palavra de Deus, aprende-se a ler os sinais de Deus, faz-se a experiência do amor de Deus. É na escuta da Palavra de Deus que a família de Nazaré encontra força para vencer as crises e contrariedades; é na escuta de Deus que a família de Jesus, Maria e José consegue discernir os caminhos a percorrer; é na experiência de Deus que a Sagrada Família descobre e acolhe os valores que estão na base do seu projeto familiar... As nossas famílias são famílias construídas à volta de Deus? São famílias onde se aprende a dialogar com Deus e a ver Deus como um Pai bom e cheio de amor? São famílias onde se escuta a Palavra de Deus, onde se aprende a ler os sinais de Deus, onde se procura perceber o que Deus diz? Na organização do nosso projeto familiar, encontramos tempo, espaço e vontade para reunir a família à volta da Palavra de Deus e para partilhar, em família, a Palavra de Deus?
- A Família de Jesus, Maria e José é, também, uma família que obedece a Deus... Depois de escutar as indicações de Deus, simplesmente age em conformidade. Não discute, não argumenta, não exige explicações suplementares, não pede garantias. Confia incondicionalmente em Deus e dispõe-se a concretizar os desígnios de Deus. Abandona o espaço onde se sente confortável e enfrenta o desconhecido com a confiança de quem está seguro da fiabilidade de Deus. Ora, é precisamente o cumprimento obediente dos projetos de Deus que assegura a esta família um futuro de vida, de tranquilidade e de paz. A nossa família aceita com serenidade os esquemas e a lógica de Deus – mesmo quando eles parecem incompreensíveis e estranhos à luz da lógica dos homens – e percorre, com confiança, os caminhos de Deus?
- Quando numa família Deus “conta”, os valores de Deus passam a ser, para todos os membros daquela comunidade familiar, as marcas que definem o sentido da existência. O espaço familiar torna-se, então, a escola onde se aprende o amor, a solidariedade, a partilha, o serviço, o diálogo, o respeito, o perdão, a fraternidade universal, o cuidado da criação, a atenção aos mais frágeis, o sentido do compromisso, do sacrifício, da entrega e da doação... Procuramos que a nossa comunidade familiar seja uma “escola de valores” onde todos possam aprender os valores que dão sentido à existência? Procuramos, no contexto da nossa comunidade familiar, preparar cada um dos seus membros para ser um cidadão responsável e consciente, capaz de se comprometer na construção de um mundo mais justo, mais verdadeiro, mais fraterno, mais humano?
- Vivemos num tempo difícil, que não favorece a construção de um projeto familiar coerente com os valores de Deus. Muitos pais, afundados em mil dificuldades, ultrapassados por uma sociedade de egoísmo, de bem-estar, de indiferença, de incredulidade, não sabem como agir no sentido de oferecer aos filhos uma educação responsável, sã, solidária, coerente com a fé cristã. Esses pais não poderiam e não deveriam receber, no exercício da sua missão de educadores, uma ajuda mais concreta e eficaz a partir das comunidades cristãs? Que apoio é que a comunidade cristã poderá dar aos pais crentes que encontram dificuldades no projeto de educar responsabilmente os seus filhos?
- A família de Jesus foi obrigada a abandonar a sua terra para procurar segurança e paz numa terra estrangeira. Conheceu o mundo dos exilados, dos refugiados, dos “sem papéis”, dos perseguidos, dos rejeitados, dos que têm de lutar para terem um lugar onde se sintam “humanos” e onde possam viver com a dignidade que merecem. Vinte e um séculos depois, há famílias que continuam a percorrer um caminho idêntico: atravessam os mares em embarcações frágeis e sobrelotadas e arriscam a vida para tentar escapar da miséria, da violência, da fome; percorrem continentes a pé, enfrentam o pó dos caminhos e a violência das máfias, são detidos por muros que delimitam fronteiras e que os separam do sonho de uma vida melhor; conhecem todos os cantos e esquinas da clandestinidade, da miséria, da rejeição, do sofrimento... Como acolhemos e tratamos essas pessoas que chegam às nossas portas e nos estendem a mão? Como irmãos e irmãs por quem somos responsáveis? Temos consciência que fechar as portas a quem foge da violência ou da miséria é fechar as portas a Jesus, a Maria e a José?
- No relato da fuga da Sagrada Família para o Egito, o evangelista Mateus estabelece uma correspondência entre as figuras de Jesus e de Moisés. Moisés foi chamado por Deus e enviado para libertar os hebreus da escravidão do faraó, rei do Egito; Jesus, o Messias de Deus, foi enviado por Deus ao mundo para libertar os homens da violência, da injustiça, do egoísmo, da maldade, de tudo aquilo que produz sofrimento e morte. Os escravos hebreus confiaram em

Moisés e seguiram-no no caminho que levava à terra da liberdade; estamos nós, de igual maneira, disponíveis para acolher Jesus como o nosso libertador, para escutá-l'O, para confiar nas suas indicações, para O seguir no caminho que conduz à vida e à salvação? *in Dehonianos*.

Para os leitores

A **primeira leitura** é de fácil proclamação e exige apenas uma boa preparação com um tom exortativo que valorize as expressões que se repetem: «*quem honra seu pai*». O leitor deve proclamar este texto como um sábio que transmite os seus conselhos sapienciais.

Na **segunda leitura**, é necessário ter em atenção as enumerações presentes no texto: «*sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência*» e «*com salmos, hinos e cânticos inspirados*». Além disso, devem ter em atenção os vocativos finais a quem se dirige o apóstolo: «*Esposas*»; «*Maridos*»; «*Filhos*»; «*Pais*».